



Perfil
do leitor
colonial



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
EVANDRO SENA FREIRE - REITOR
ELIAS LINS GUIMARÃES - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Alexandra Marselha Siqueira Pitolli
Eduardo Lopes Piris
Evandro Sena Freire
Guilhardes de Jesus Júnior
Jorge Henrique de Oliveira Sales
Josefa Sônia Pereira da Fonseca
Lessí Inês Farias Pinheiro
Luciana Sedano de Souza
Lurdes Bertol Rocha
Maria Luiza Silva Santos
Ricardo Matos Santana
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti
Sabrina Nascimento



Universidade Estadual de Feira de Santana

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
EVANDRO DO NASCIMENTO SILVA
AMALI DE ANGELIS MUSSI

ASSISTENTE EDITORIAL
ZENAILDA NOVAIS

SECRETÁRIA EXECUTIVA
LATIARA CHAVES DE OLIVEIRA RIBEIRO

DIRETOR DA UEFS EDITORA
Murillo Almeida Cerqueira Campos

Conselho Editorial:

Natal Almeida Simões Neto
Marluce Alves Nunes Oliveira
Abílio Souza Costa Neto
Anderson de Souza Matos Gadéa
Cremildo Atanazio de Souza
Antônio Vieira de Andrade Neto
Caio Graco Machado Santos
Ana Maria Carvalho dos Santos
Antonio César Ferreira da Silva

Perfil do leitor colonial

2ª edição

JORGE DE SOUZA ARAUJO



Feira de Santana - Bahia



Ilhéus - Bahia



Copyright ©2022 by
JORGE DE SOUZA ARAUJO

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Deise Francis Krause

IMAGEM DA CAPA
Vienna - Susanne Jutzeler

REVISÃO
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A659 Araujo, Jorge de Souza
Perfil do leitor colonial / Jorge de Souza Araujo.
– 2. ed. – Feira de Santana, BA: UEFS Editora;
Ilhéus, BA: Editus, 2022. – (Selo Sertão Sul).
463 p.

Referências: p. 419-463.
ISBN: 978-85-7455-522-5 (UESC)
ISBN: 978-65-89524-18-2 (UEFS)

1. Livros e leitura – Brasil – História. 2.
Interesses na leitura – Brasil – História – Período
colonial, 1500-1822. 3. Bibliotecas e usuários –
Brasil – História. 4. Livros e leitura – Aspectos
sociológicos. I. Título.

CDD 028.90981

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB- 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE

Para Esther Bertoletti
Ana Virgínia Pinheiro
Afrânio Coutinho, *in memoriam*
Samira Mesquita, *in memoriam*
Mário Camarinha da Silva, *in memoriam*
Gilberto Mendonça Teles
Solange Lisboa
Sônia Regina Laus Nunes
Ana Lúcia Vellinho D'Ângelo
Carla de Quadros
Nanci Nóbrega
Eliana Yunes
e Ruy Póvoas

Timeo hominem unius libri
(Arreceio-me do homem dum só livro)

Santo Thomas de Aquino



UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

O trabalho de pesquisa em inventários e outros elementos factuais foi desenvolvido nas principais seções especializadas do Arquivo Público de São Paulo (APSP), Arquivo Nacional (AN), Arquivo Público do Estado da Bahia (ARQUEB), Casa Setecentista de Mariana (CSM), Museu Casa do Pilar, de Ouro Preto, Arquivo Regional de São João Del Rey, Museu do Ouro de Sabará, Biblioteca Antônio Torres, de Diamantina (MG), Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APRS), Arquivo Público do Mato Grosso (APMT) e tantos outros. As anotações de livros, *em itálico*, seguem a disposição gráfica do documento, sendo destacado por extenso, também em itálico, o registro de títulos já identificados pela cultura bibliográfica, e que temos como referência indispensável para a caracterização do perfil leitor aqui consignado.

SUMÁRIO

13	◆	PREFÁCIO	
17	◆	PRÓLOGO À SEGUNDA EDIÇÃO	
25	◆	INTRODUÇÃO	
33	◆	ESTILOS E TENDÊNCIAS DO BRASIL LEITOR	
		No século 16	37
		No século 17	55
		No século 18	67
		No século 19	141
		<i>Notas ao Capítulo 1</i>	207
215	◆	PERFIL DO LEITOR COLONIAL	
		Leitores padres, militares, médicos e bachareis	232
		Doutrinas e devoções	293
		Aforismos e sangrias	342
		<i>Vade-mecum</i> e ordenações	356
		Clássicos, moralistas e gramáticos	363
		<i>Notas ao Capítulo 2</i>	376

379	◆	OS LIVROS DAS ORDENS E OS LIVROS QUE O MARQUÊS EXIGIU VER <i>Nota ao Capítulo 3</i> 388
389	◆	UMA LEITURA REVOLUCIONÁRIA <i>Notas ao Capítulo 4</i> 406
407	◆	UM PUBLICISTA, UM POLITICO-MILITAR, UM DIPLOMATA, UM BISPO, UM PROFESSOR E UM COMERCIANTE DO SÉCULO 19
415	◆	ALGUMAS CONCLUSÕES
419	◆	REFERÊNCIAS



PREFÁCIO

Nenhum conhecimento parece mais importante para sermos fiéis a nós mesmos que o da história. A nossa pessoal e do grupo em que vivemos. É olhando o passado que descobrimos os aspectos que constituem o horizonte de nossas possibilidades, ainda que essa referência não determine as futuras escolhas. Ao tocar o passado superamos muito do que temos inconsciente na nossa vida presente. A existência que temos é única, nosso tempo tem seus problemas e desafios, não podemos viver no passado, nem escolher o futuro para habitar. É, portanto, em razão do que somos, em função dos desafios que hoje temos e do que projetamos fazer, que precisamos descobrir o que fomos. Não por saudosismo, mas como forma de descobrir nesse passado tesouros preciosos que podem ser recuperados.

Ao olhar o passado de forma crítica e sistemática, nós identificamos nexos importantes cujos desdobramentos estão conosco até hoje. Eles nos ajudam a entender o que somos, nos auxiliam a planejar o futuro, balizam nossos diálogos com as gerações que nos antecederam.

Como era o universo cultural do país durante o período colonial? Sabemos que o Brasil foi, dos séculos XVI ao início do XIX, parte do Império Português. Durante o século XVI, o maior desafio de Portugal foi ocupar e dar um destino viável ao novo território. Também influíram nos rumos da nova terra as posições assumidas por Portugal na Europa. Um dos aspectos marcantes da política lusitana foi o propósito da monarquia de se colocar ao lado da Igreja Católica na luta contra a Reforma Protestante. A doutrina cristã construída sobre a crença da encarnação de Deus não rejeita a vida terrena, nem despreza o corpo e a matéria. No entanto, sobretudo no século XVII, prevaleceu uma interpretação reducionista do sentido da existência terrena nos moldes da cristandade medieval voltada quase exclusivamente para a conquista da salvação. A sobrevivência dessa mentalidade, além dos marcos históricos da Idade Média, ocorreria fundamentalmente nas penínsulas ibérica e itálica.

A singularidade cultural a que nos referimos no parágrafo anterior se estrutura no período que Joaquim de Carvalho denomina Segunda Escolástica. Ele a dividiu em dois ciclos: um barroco, de meados do século XVI até meados do seguinte, e outro escolástico, daquele momento até meados do XVIII. Antônio Paim, em seu clássico livro *História das ideias filosóficas no Brasil*, explica que a periodização proposta por Joaquim de Carvalho lhe foi sugerida por Carlo Giacon, e ela auxilia a distinguir a grandiosa sistematização empreendida por Tomás de Aquino no século XIII e o novo momento, sem lhe atribuir a condição de simples prolongamento da chamada escolástica decadente dos séculos XIV e XV.

Para um melhor entendimento da evolução cultural no Império Português naquele período, parece preferível reconhecer três ciclos e não apenas dois, preservando o significado singular que lhe atribui Joaquim de Carvalho. No livro *Caminhos da moral moderna*, a experiência luso-brasileira tratou esses períodos como gerações, conceito abandonado depois por conta da interpretação que Ortega y Gasset popularizou do termo geração, aplicando-o a um ciclo temporal menor do que o abarcado. Melhor que três gerações, portanto, é dizer três ciclos de contrarreformistas.

O que se passou em cada ciclo? No primeiro, que de forma geral vai de meados do século XVI até a década de vinte do seguinte, há uma aproximação do debate moral dos objetivos renascentistas. No ciclo que se segue, que se estende daí até o final do século XVII, há uma radicalização da moral católica e uma rejeição dos valores e da vida terrena. Em certo sentido, o segundo ciclo consiste num regresso a uma mentalidade anterior à renascentista. A revisão do segundo ciclo foi obra dos moralistas do século XVIII que integram o período pombalino.

Os teóricos do pombalismo desejavam superar a radicalização do debate moral dos Setecentos, não rejeitando os valores ali aceitos, mas adaptando-os ao objetivo de construir um Estado moderno capaz de incentivar a prática da ciência, regular as relações sociais e servir de justificativa para a vida terrena. O esforço de inserir a moral tradicional numa perspectiva moderna (construir um Estado Moderno) marcará as propostas que se estendem ao longo do século XIX, isto é, o utilitarismo ético de Silvestre Pimenta Ferreira e Visconde de Cairu, as éticas ecléticas ou espiritualistas de Diogo Antônio Feijó, Eduardo Ferreira França, Domingos G. Magalhães, Amorim Viana, Cunha Seixas, Antero de Quental e outros, e o positivismo e relativismo ético dos quais são representantes, entre outros, Teófilo Braga e Silvio Romero. Portanto, muito do que foi o universo cultural colonial se desdobrou durante o século XIX, em nosso país e em Portugal, e até hoje nos influencia, embora de forma menos intensa que no século XIX. Esta apresentação do universo cultural luso-brasileiro no período colonial

é importante para melhor apreciar a pesquisa de Jorge de Souza Araújo consolidada no livro onde apresenta o perfil do leitor colonial.

Este livro é um instrumento importante para pensar a história nacional. O autor nos apresenta um detalhado trabalho de campo com pesquisas nos arquivos públicos dos Estados da Bahia, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, na Casa Setecentista de Mariana, nos arquivos públicos das cidades de Ouro Preto e São João del-Rei (MG). O seu propósito foi preparar um panorama dos livros encontrados no Brasil Colônia para, a partir da amostragem obtida, elaborar um perfil do leitor colonial. Os autores com quem dialoga para ordenamento dos livros são: Rubens Borba de Moraes, Serafim Leite, Fernando de Azevedo, Carlos Rizzini e Laurence Hallewell.

O tratamento dado ao assunto é o que ele denomina de Sociologia da Literatura, entendendo-o na linha proposta por Maria Beatriz Nizza da Silva. Ele afirma “que para estudar as relações entre literatura e sociedade é preciso examinar não só o que essa sociedade produz, mas também o que ela consome” (p. 13). No capítulo primeiro, o autor estuda os livros que circulavam na Colônia; no capítulo dois, lista as obras encontradas nos inventários de bens; no seguinte, analisa as leituras dos religiosos; no outro, investiga as bibliotecas de revolucionários; no último, trata das leituras feitas no início do século XIX. Todos os capítulos referem-se ao que se passou no Brasil Colônia. Esse foi o plano da obra.

O autor inicia o seu estudo mostrando que no século XVI o quadro geral da cultura brasileira era frágil, o que explica a pequena circulação de livros naquele século. Além disso, observa que o controle restritivo da moral católica contrarreformista dá o tom geral das leituras. O século XVII é um período de difícil investigação, ele observa, quer pela deficiência dos registros, quer porque tivemos três experiências administrativas diferentes: a espanhola, a portuguesa depois que se desfez a União Ibérica e a dos Países Baixos, em Pernambuco. As autoridades portuguesas proibiam o acesso a muitos livros, notadamente os de caráter científico, fato que afetou a metrópole e foi verdadeira trava cultural na colônia. O século XVIII foi distinto do anterior no que se refere à vida cultural da Colônia. Contribuíram para isso muitos fatores: a organização de importante malha urbana em Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, o fato de que muitos brasileiros passaram a estudar em Coimbra, elevando o nível de formação das elites locais, as reformas pombalinas que, mudando a vida da metrópole, afetaram também a nossa e, finalmente, a difusão das ideias iluministas, especialmente as francesas. No século XIX, no curto período em que o país manteve o vínculo com Portugal, ocorreram mudanças importantes. Algumas transformações foram consequência das alterações administrativas decorrentes da transferência da Corte para o Rio de Janeiro, outras resultantes da própria organização e do desenvolvimento da sociedade brasileira.

O quadro social do país, as obras encontradas nos inventários e o crescente número de bibliotecas e de livros nas mãos de leitores particulares sugerem uma mudança no perfil do leitor colonial. No século XVI, leitores foram quase exclusivamente os jesuítas, e suas leituras se concentravam em matéria religiosa, nas obras didáticas destinadas ao ensino da língua e da história lusitanas: 16 das 22 que foram encontradas. O século XVII mostra um quadro distinto com predomínio de obras de cunho apologético e moralizador, 38 das 87, revelando um leitor místico e ascético, no espírito do que é denominado segundo ciclo dos contrarreformistas. O século XVIII é complexo e diferente dos anteriores. Aumentam o número de bibliotecas e o de obras de cunho histórico, literário, os estudos linguísticos, filológicos, gramáticos, os dicionários e cartapácios de sintaxe, de sílabas, de gêneros etc. Elas somam 77 das 240. Aumentam também os livros relacionados à vida administrativa lusitana e os de natureza científica. Entre os leitores comuns ainda prevalecem as leituras moralizadoras e de reflexão mística, das quais são exemplos *Peregrino da América* (Nuno Marques Pereira) e *Reflexões sobre a vaidade dos homens* (Matias Aires), que constituem o que Jorge Araujo chama de “Best-sellers coloniais”. As obras de cunho apologético e moralizador totalizam 93 das 240 elencadas pelo autor. O leitor é, no entanto, bem mais aberto que o dos séculos anteriores, e mais variado é o seu interesse pela leitura e pelo debate. O século XIX fixa essa tendência modernizadora com o crescente interesse por livros de ciência e de organização administrativa, incluindo-se os de Economia Política, dos quais os de Cairu são exemplos. O período pós-pombalino, que inclui o final do século XVIII e os primeiros anos do XIX, nos mostra 238 obras de caráter científico ou literário e 72 dedicadas à reforma política e de cunho moralizador.

Uma amostragem como a mencionada não fornece a frequência com que todos esses livros foram lidos, o autor menciona apenas que obras foram mais citadas em outros textos ou podem ser encontradas em bibliotecas ou na posse de particulares. De todo modo, é possível entender qual era o tipo de leitura realizado no período colonial e avaliar as mudanças, conforme também transmudavam as condições gerais do Brasil.

O delineamento histórico das obras lidas no período colonial por Jorge de Souza Araujo apresenta o panorama cultural do período. Pelas informações que reúne, é leitura imprescindível para quem quer entender a realidade intelectual da sociedade colonial brasileira.

José Mauricio de Carvalho
Professor Titular Aposentado da UFSJ e Coordenador da Pós Graduação do
UNIPTAN



PRÓLOGO À SEGUNDA EDIÇÃO

Esgotado há uma década e objeto de incessante procura entre interessados, este livro se impunha sair em segunda edição há algum tempo, pois insistentemente demandado. E nada mais justo que pela mesma Editus, quem afinal apostou em sua qualidade acadêmica e seu potencial de merchandáising, já que foi o segundo publicado (o primeiro, *Auto do Descobrimento*, um poema dramático que inaugurou a linha editorial vitoriosa a partir de 1988) e o primeiro sob inscrição, normas técnicas e código de barras conforme regula a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Tendo em vista a exagerada hipérbole comercial de o *Perfil do leitor colonial* chegar a ser oferecido, num saite de vendas, pelo valor de 1 mil e quinhentos reais o exemplar, compreendemos ser mais do que chegada a hora de reeditá-lo, não apenas para cumprir o dever de ofício de uma editora universitária, como também colocá-lo à disposição de um público tanto mais numeroso quanto diretamente vinculado aos objetivos de sua contribuição à análise acerca da sociologia da leitura em nosso país.

Torna-se oportuno refazer aqui parte do percurso deste *Perfil do leitor colonial* até sua primeira edição em 1999. Lembrar, por exemplo, que, tão logo obtido o grau de mestre em literatura brasileira pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em março de 1980, por coação afetiva do professor Afrânio Coutinho, vi-me matriculado no curso de Doutorado em Letras, na mesma faculdade, submetendo-me a provas de seleção em abril de 1980, com o fim exclusivo de uma tese que investigasse os livros existentes em bibliotecas de todo o país com data-limite até 1825, ou seja, compreendendo um espectro da cultura bibliográfica e literária, fruto da experiência colonial brasileira. Concentrados os esforços de pesquisa, análise e conclusões de uma futura tese investindo numa presumível intertextualidade observada quanto à guarda cultural-bibliográfica brasileira do século 16 ao 19, incluindo o

levantamento de tendências e características de leitura na sociedade brasileira do período colonial apontado, em atenção especial ao empenho coativo do mestre Afrânio, a pesquisa foi dada por concluída em fins de 1982 e, parcialmente completa, aguarda interesse editorial, consubstanciando um legítimo Museu do Livro em formato biblioteconômico, a que chamamos *Memória bibliográfica brasileira (1500-1825)*. Não satisfeito, todavia, com as fontes e os resultados, passei a investir na pesquisa e elaboração diretamente vinculada a este *Perfil do leitor colonial*, enfim meu projeto definitivo de estudos, tomando por base fontes primárias e documentais de investigação, os inventários de bens dos séculos 16 ao 19. Novamente viajei por todo o país (recompondo o percurso já desferido para elaboração da *Memória bibliográfica brasileira*), então investindo em novo objeto, para além da consulta apenas em bibliotecas. O estágio de pesquisa documental foi decisivo para minha trajetória pessoal e profissional, seja pela possibilidade de redimensionar e confrontar conceitos e estudos da literatura brasileira, seja pela oportunidade, mediante amostragem de dados empíricos, de trazer à consideração da academia universitária uma linha complementar de pesquisa e conclusões da maior relevância para entender a evolução dos estudos literários sob o ângulo da nossa formação leitora.

Tese acadêmica do Doutorado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, certificada por exame conduzido e resultado proclamado pela banca examinadora, expedido em 26 de fevereiro de 1988 e assinado pelo orientador Gilberto Mendonça Teles e demais integrantes – Samira Nahid de Mesquita, Mário Camarinha da Silva, Pedro Lyra e Elódia Xavier –, no texto da ata, os examinadores avaliaram o *Perfil* e concluíram por conferir-lhe o conceito de “EXCELENTE, COM LOUVOR, não só pela qualidade de informações, conceituação e metodologia demonstradas no texto, como ainda por haver o examinando esclarecido as contestações, dúvidas e questões individualmente levantadas pelos examinadores”. Livro publicado, dediquei-o *in memoriam* a Samira Mesquita e Mário Camarinha, e ao meu primeiro orientador, Afrânio Coutinho, todos modelos de inspiração, estímulo e manifestações afetuosas ao bom desenvolvimento do objeto da pesquisa, coroados em incedíveis dias e horas de desespero e angústia, próprios da preparação de teses, penitência semelhante ao fogo sem fim das profundas de todos os infernos acadêmicos. Lembro-me ainda que a defesa se deu em pleno Carnaval, no Rio de Janeiro, acondicionado o inferno não a Momo, mas à visão estreita dos pares (aliás, ímpares e grotescos) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, onde eu cumpria minha *saison aux enfers...*

A alegria da publicação em livro se completaria com a boa acolhida de intelectuais como os professores Antonio Paim, da PUC/RJ, e José Maurício de Carvalho, da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, a quem agradeço pela generosa divulgação a que procedeu, inclusive em artigo para o prestigiadíssimo *Jornal de Letras*, de Lisboa. Em país de grosseiras lacunas conferidas a assuntos culturais, tenho que registrar também a generosa acolhida do jornalista Elio Gaspari, que divulgou nacionalmente o *Perfil do leitor colonial*, classificando-o com destaque — “enfim acaba de sair um excelente livro” — em sua coluna veiculada em vários jornais do país, a exemplo de *O Globo* e *Folha de São Paulo*. O livro, que representa um marco em minha produção intelectual e sobretudo em minha carreira acadêmica, pelos resultados e acervo de dados e amostras de uma pesquisa em campo tão coalhado de obstáculos, foi submetido à Forense Universitária, Editora Vozes, Editora Casa da Palavra e José Olympio, que consideraram-no “obra indispensável para o conhecimento de nosso passado cultural” etc. e blá blá blá, “face ao pioneirismo e ineditismo da proposta de estudo”, mas que só viria a conhecer edição onze anos decorridos de sua defesa acadêmica.

Sem embargo do respeito que me merecem outras considerações, no meu entendimento, o livro é obra que culmina, em mais de dez anos de pesquisa direta, o intenso labor dispendido em documentação factual e bibliográfica, fruto de peregrinação (às vezes, repetidamente a alguns lugares) por arquivos, bibliotecas, institutos históricos e outros lugares de reconhecido mérito na guarda e preservação de instrumentos reveladores de nossa memória social, histórica, cultural, bibliográfica e literária. Com ele alcancei reconhecimento e alguma gratidão, e também modelos e marcas insidiosas do pastiche e da caricatura críticos, muitas de suas informações empíricas manipuladas fraudulentamente, e até sem a dignidade da indicação da fonte — preço, afinal, que se paga pela dedicação e crença humanista na atividade acadêmica como um bem coletivo.

A Editora Vozes, por sua Secretária Editorial Catarina Viana (“Petrópolis, 31 de março de 1989”), me escreveu afirmando ter o *Perfil do leitor colonial* merecido o juízo e o interesse do “nosso Conselho Editorial, que assim se expressou: “o trabalho impressiona pela quantidade de informações e por permitir um olhar retrospectivo sobre uma área tão desconhecida de nossa história”. Lastimando não poder publicá-lo, “tendo em vista nossa programação editorial avançar meados do próximo ano”, a Vozes pediria artigo analisando o *Perfil* para a sua *Revista de Cultura*, texto, afinal, publicado no correr de 1989.

Repercutido em outros setores e departamentos, e entre estudiosos da cultura bibliográfica brasileira, o livro granjearia citações e registros significativos, assim dispostos cronologicamente:

— Organizado por Márcia Abreu, *Leitura, história e história da leitura* (Campinas-SP: Fapesp/Mercado de Letras, 1999) cita o *Perfil do leitor colonial* nas suas Referências (p. 626), a partir do texto ainda não publicado e do artigo para a *Revista Vozes*

— In: *Brasil e Portugal quinhentos anos de enlaces e desenlaces 2*, revista *Convergência Lusítada*, 18 — número especial — Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2001, na abertura de *Itaparica ou Camões no Brasil Colônia*, p. 300 et seq., e nas Referências e notas 1 e 2 do artigo, Ronaldo Menegaz cita diretamente o *Perfil* e seu autor, afirmando:

Na minuciosa investigação que Jorge de Souza Araújo levou a efeito para sua tese de Doutorado, de que resultou a obra *Perfil do leitor colonial*, verificou o autor a surpresa da presença de alguns autores/obras e as ausências de outros nos inventários de acervos bibliográficos do Brasil Colônia. Segundo JSA, os dados principais de que se valeu para a sua interpretação do quadro de leitores coloniais foram colhidos nos inventários tanto de conventos e mosteiros, como de personalidades da vida política, religiosa e cultural da Colônia. Com exceção dos ricos acervos dos colégios dos jesuítas, o Brasil leitor começa, na verdade, no século XVII, quando se registra nos meios de circulação de livros a predominância de “obras de devoção ou doutrina religiosa”, escapando dessa predominância as *Novelas* de Cervantes, a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, *Ordenações e repertórios do reino de Portugal*. No século XVIII a preferência do leitor parece ter mudado para as obras de preocupação moralista, como indica a popularidade de títulos como as *Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, as *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, de Matias Aires, a *Mística cidade de Deus*, de Madre Maria de Agreda, o *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, a *História de Gil Blas de Santillana*, de Allain René Le Sage, o *Feliz independente do mundo e da fortuna*, de Teodoro de Almeida. Sobre a recepção aos autores do século XVI, escreve o autor:

Dos portugueses, Camões, Sá de Miranda e Rodrigues Lobo serão populares no século XVIII. Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e os poetas satíricos do mundo ibérico não aparecem nunca. Lope de Vega tem presença também no século XVIII.

— Participando da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação//XIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/MS em setembro de 2001, com a palestra *Quem lia no Brasil Colonial?*, Márcia Abreu afirmou o seguinte: “Dentre os vários trabalhos que tomam inventários como fonte de pesquisa, destaca-se o de Jorge de Souza Araújo, *Perfil do Leitor Colonial* (Ilhéus, Editus,

Editora da UESC, 1999), pelo exaustivo levantamento e minuciosa pesquisa abrangendo todo o país desde o século XVI ao XIX. Os inventários consultados no Arquivo Nacional foram localizados a partir do levantamento feito por Jorge S. Araujo, a quem agradeço”.

— *Vertentes* – Revista da Universidade Federal de São João del Rey, n. 19, jan-jun. 2002, p. 143-145, resenha o *Perfil do leitor colonial* em artigo de José Maurício de Carvalho, Doutor em Filosofia (Universidade Gama Filho), pós-Doutor (UFRJ/UNL) e Professor do Departamento das Filosofias e Métodos da UFSJ. José Maurício publicaria ainda uma plaquete pela Universidade Nova de Lisboa em 2002 sobre o *que se lia no Brasil Colonial*.

— A mesma Márcia Abreu, em *Os caminhos dos livros* (Campinas-SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003, novamente citaria o *Perfil do leitor colonial* (já agora publicado, Ilhéus-BA: Editus, 1999) nas Referências (p. 356) da seção 3. *História da leitura e do livro. Teoria literária. Crítica literária*. Em nota 61 (p. 168), reproduzindo informação encontrada no *Perfil*, diz Abreu textualmente: “Os inventários referentes ao Rio de Janeiro também mostram pequenas bibliotecas, compostas fundamentalmente por livros relativos à ocupação de seu proprietário — ou seja, advogados têm obras de direito; cirurgiões, obras de medicina; navegadores, obras de náutica”. Na referida nota, diz ainda Márcia Abreu que “Os inventários conservados no Arquivo Nacional não contemplam os livros de religiosos”, informação que, por dever de justiça, merece algum reparo, uma vez que em nossa pesquisa no AN encontramos alguns deles, embora mais abundantes sejam os inventários conservados no mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, analisados no *Perfil* e mencionados pela autora.

— Luis Carlos Villalta, na seção-artigo *As bibliotecas privadas: na colônia: das obras devocionais à Ilustração*, no volume organizado por Laura de Mello e Souza, coleção dirigida por Fernando A. Novais, *História da vida privada no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. I, p.331-385), cita o *Perfil* e seu autor (louve-se, aliás, a lisura do articulista, acolhendo e respeitando a autoria de um texto inédito, ainda em tese, que lhe enviei, a seu pedido), citação que aparece igualmente nas Referências (p. 484). Villalta voltaria a referir-se ao *Perfil do leitor colonial* na revista *Convergência Lusíada*, n. 21, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2005, ensaio *A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance*, seção “Dos anos 80 aos dias de hoje”, p. 169, cobrando do *Perfil* o que não era objeto nem do autor nem da obra. Eis o que afirma em nota o citado pesquisador:

Dentre essas investigações mais recentes, as desenvolvidas por Jorge de Souza Araújo, Lana Laje da Gama Lima e Ângela Mendes de Almeida, revelam menor sintonia com a abordagem da historiografia estrangeira sobre o livro e a leitura. Jorge de Souza Araújo defendeu, em 1988, uma gigantesca tese de Doutorado sobre as bibliotecas, o comércio livreiro e o perfil do leitor em toda Época Colonial, publicada como livro em 1999. Nesse trabalho, Araújo demonstra vasta erudição e apresenta uma enormidade de fontes, mas desenvolve análises limitadas, sem aprofundamento na interpretação quantitativa e qualitativa dos dados empíricos sobre os livros encontrados nas bibliotecas coloniais do século XVI aos inícios do XIX.

A nota 16 do artigo de Villalta é, aliás, coincidente com a informação fornecida pelo próprio *Perfil*. Respeitada a idiosincrasia da crítica, porém, o *Perfil do leitor colonial* esclarece nitidamente, em sua Introdução, seus objetos descritivos face à enormidade das inúmeras fontes, generosamente oferecidas aos que melhor se aparelharem no “aprofundamento e interpretação dos dados empíricos”. Por isso falar, aliás, as características fundadoras do *Perfil do leitor colonial*, inscritas na Introdução (p. 13 da 1ª edição), seriam, como ficou dito, de “esforço garimpeiro de investigação e demonstração de dados, sem grande encanto teórico. Não há, portanto, grande desvelo de natureza estilística ou estética na amostragem, apenas um levantamento demonstrativo e um esforço de interpretação do comportamento leitor brasileiro na fase colonial”. Na mesma página 13 (da 1ª edição, frise-se!), acrescenta-se a pretensão de “reconhecer e identificar as opções de consumo da literatura no Brasil Colônia”. E, na página 12, a modéstia do objeto de descrição (e até **discrição**) de identificar a “recepção **passiva** do leitor brasileiro enquanto eventual possuidor de uma biblioteca na Colônia”.

A análise, ainda que “limitada”, cobrada pelo Professor Villalta, fizemo-la, talvez incompletamente, no capítulo primeiro do *Perfil*, que descreve os *Estilos e tendências do Brasil leitor*, ocupando mais de 200 das quase 500 páginas do livro. Talvez o *Perfil* não se tenha invocado tanto valor justamente por tratar-se de trabalho “meramente empírico”. Talvez também tenhamos nos esquecido de que a colheita de material empírico representa esforço ingente de quem consumiu quase vinte anos em pesquisa — e se esta não valesse por si mesma, ao menos proporcionaria a analistas de maior talento o prêmio de aprofundá-los (pesquisa e material empírico) com maior brilhantismo, conquanto sem o ônus da estiva de pesquisar. A colheita de dados pode ser a tarefa mais árdua para quem se aventura ao título de pesquisador, segundo entendemos. No prefácio à segunda edição de *No tempo de Lampião*, de Leonardo Mota, aos que acusavam a pouca acuidade do pesquisador, Fran Matins observa o que vai dito adiante —

e que também nos serve para justificar nosso modesto ofício de “mísero operário da inteligência” (como disse de si mesmo Leonardo Mota):

Analisar no gabinete, à luz da ciência, pode ser feito por qualquer pessoa de cultura. Mas ir à fonte, captar na origem as manifestações espirituais do povo anônimo, isso é trabalho que requer não apenas esforços materiais como, sobretudo, muita acuidade intelectual.

E no sentido de proporcionar a outros mais agudos espíritos a elevação a que a pesquisa requer, merece e exige do pesquisador — concluímos nós. No mais, julgando que este *Perfil do leitor colonial* enseja análises mais atentas, diversas de nossas limitações, achamos por bem reproduzir aqui, como analogia graciosa e talvez nossa exclusiva gratificação em futuros debates, um poema de nossa lavra publicado no livro *Os becós do homem*:

Ora, direis, ouvir estrelas!
— Bilac sifilosquipou-se,
Mas da suma bilaqueana
Quem não comeu, se arregalou-se.

— Gilda Maria Whitaker Verri, em *Tinta sobre papel: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII* (Recife: Ed. Universitária da UFPE/ Secretaria de Educação e Cultura, Pernambuco, 2006. 2v.) tem no *Perfil do leitor colonial* uma importante base de sustentação para suas conclusões de pesquisa, além de citar o autor em diferentes páginas do volume 1º e nas Referências, p. 558. O mesmo acontece com Érico Braga Barboza Lima, em sua tese de Doutorado pela PUC/RJ, depois livro *O homem que tudo leu* (Rio de Janeiro: Antigo Leblon, 2008). Organizado por Sandra Sacramento, *Gênero, identidade e hibridismo cultural: enfoques possíveis* (Ilhéus-BA: Editus, 2009), artigo de Conceição Flores sobre *As aventuras de Tereza Margarida da Silva e Orta* cita o nosso livro em nota e nas Referências. Também citando o *Perfil* é o artigo de Jorge Carvalho do Nascimento sobre *O verdadeiro método de estudar e a reforma pombalina* no livro organizado por Luiz Eduardo Oliveira, *A legislação pombalina sobre o ensino de línguas* (Maceió: Edufal, 2010, p. 162). Maria de Fátima Berenice da Cruz, em *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor* (Salvador Eduneb, 2012), pratica o mesmo, citando o *Perfil* em suas Referências.

E para coroar as gratas lições legadas pela circulação do *Perfil do leitor colonial*, em 2016, mais precisamente no mês de junho, uma demanda a

mais viria justificar a veiculação do livro, ilustrando a mais cara das conquistas humanistas a que poderíamos aspirar numa era de tantas atrocidades. Maria Auxiliadora Souza, profissional das Ciências Humanas, residindo e atuando em Brasília, externou-nos sua felicidade em conhecer alguns dados da nossa pesquisa, utilizando-a para investimento de cunho pessoal projetado sobre suas heranças afetivas, e dez gerações de sua família, inserindo-as nos contextos político, econômico e social em que viveram. Maria Auxiliadora agradeceu a contribuição proporcionada pelo *Perfil*, particularmente na localização de seu hexavô materno Gonçalo José Muzzi e sua biblioteca, descobertos em inventário por nós pesquisado no Arquivo Nacional e cujas informações estão nas páginas 281 e 392 da primeira edição do livro, o que, para ela, significaria obra “da maior importância sentimental”.

Isso, para nós, autor e editores do *Perfil do leitor colonial*, agora em sua segunda edição, representa, sem dúvida, o mais vistoso trunfo e o mais reluzente dos galardões, com o que plenamente nos confessamos recompensados.

Santo Antonio de Jesus, BA, em junho de 2016
Jorge de Souza Araujo